

VOLTAR AO CONCÍLIO VATICANO II

Em numerosas intervenções e homilias, exortações e encíclicas, o **Papa Francisco** refere insistentemente a necessidade de a Igreja visitar o **Concílio Vaticano II**, para reencontrar o espírito de renovação que o inspirou e retomar os caminhos então por ele apontados.

Em junho de 2012, o teólogo espanhol Juan José Tamayo¹ proferiu na UIMP (Universidade Internacional Menéndez Pelayo) uma conferência intitulada (trad.) «**O Concílio Vaticano II: curta primavera, seguida por um longo inverno**. Cinquenta anos depois: da indignação à esperança». Na abertura, depois de recordar ter iniciado os seus estudos teológicos no ano em que o Concílio abriu e de todo o seu trabalho intelectual se ter desenrolado sob o “impacto e influência” do mesmo, afirma: “Cinquenta anos depois, reflecti sobre o dito acontecimento, com a serenidade e o sentido crítico que o tempo decorrido e as experiências vividas dão. Esta reflexão não [...] é um exercício de apologética do Concílio Vaticano II, mas também não o é de iconoclastia. Quer ser uma teoria crítico-constructiva aberta à esperança da reforma da Igreja em sintonia com os desafios actuais”. Reforma moderada da Igreja, manutenção intacta da estrutura piramidal e da organização patriarcal, alguns silêncios e esquecimentos importantes, limites e carências, são os temas que aborda para ponderar as diversas vertentes tratadas no CVII. “O CVII foi uma primavera a que se seguiu um longo inverno. Não foi um ponto de chegada, antes um de partida que logo se abandonou, para seguir noutra direcção. Levou a cabo uma reforma moderada da Igreja católica, sem que se tenha produzido uma mudança de paradigma, a qual, se se produziu, ficou a meio-caminho.” Denuncia, depois, os «travões» que se opuseram ao ímpeto carismático e profético de João XXIII, ao convocar o Concílio: as hesitações de Paul VI, por um lado, e o esvaziamento do conteúdo reformador do CVII pela acção «restauradora» de João Paulo II e Bento XVI, por outro. E aponta as razões para indignação, frente àquele estado de coisas, mas também para a esperança, que pode nascer da revisitação dos próprios textos do Concílio. Termina, exortando a que se vá mais longe: “Há que regressar ao CVII, não na ânsia de repetir a mesma experiência, nas mesmas condições históricas, que se alteraram totalmente. Antes, **retomar e tornar realidade os seus contributos mais importantes nas áreas da teologia, da presença da Igreja no mundo, do diálogo com a sociedade, com as religiões, com as culturas do nosso tempo, e continuar as reformas que se congelaram pouco depois de terem sido formuladas e aprovadas.**”

Tal como o fez o Padre Rosino Gibellini², na sua intervenção no colóquio na Universidade Gregoriana, de Roma, em novembro de 2012, que tratou duma nova evangelização na óptica de Teilhard de Chardin, precisamente 50 anos após o CVII, é bom lembrar as palavras de João XXIII na abertura da sua primeira sessão, ao insurgir-se contra os profetas da desgraça: “A santa Madre Igreja alegre-se e quer mostrar-se mãe amante de todos, benevolente, plena de

¹ Director da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões, Universidade Carlos III, Madrid

² Teólogo, director literário da editora Queriniana, Brescia

misericórdia e de bondade”. Referiu ainda o Pe. Gibellini que a teologia que antecipou a inspiração do Papa para lançar o CVII foi a do cristianismo encarnacionista, aquele que é animado por uma “espiritualidade de acção”, “um espírito de conquista”, “uma visão optimista do mundo”. Faziam parte desta linha de pensamento grandes teólogos da época, como Yves Congar, Thils, Bouyer, Malevez, Daniélou. Yves Congar, já desde 1935, falava da “fé desencarnada” e propunha-se ultrapassar o “divórcio” entre a Igreja e o mundo. Mas, acrescenta, também “Teilhard de Chardin (que sabemos ter sido lido por João XXIII) foi (nos anos 40-50) o representante mais ilustre e afirmado duma concepção encarnacionista do cristianismo”. Foi na linha dum “encarnacionismo moderado” que, ainda segundo Gibellini, o CVII tratou e deu indicações para as “relações complexas entre a Igreja e o mundo”.

Hoje, nos meios de estudo e reflexão sobre a obra espiritual de Teilhard de Chardin, é comumente aceite que o seu pensamento exerceu influência sobre o desenrolar e as constituições do CVII, especialmente a *Gaudium et Spes*, que trata das relações entre a Igreja e o mundo actual. Ninguém ignora que o jesuíta Henri de Lubac³, amigo pessoal de Teilhard e com importante obra sobre ele publicada imediatamente antes do Concílio, ali foi seu defensor acérrimo contra os detractores, que pretendiam que aquele fosse o momento oportuno para o anatemizar. João XXIII tinha-o nomeado, juntamente com Yves Congar OP e outros progressistas, para integrar a comissão preparatória do CVII, contra a opinião do Santo Ofício e do seu Secretário, Cardeal Ottaviani. A reforçar a sua posição de defensor desta linha, “a 20.10.1962, João XXIII deu expressamente a missão ao Concílio, cujos trabalhos decorriam já, de se consagrar ao significado do mundo *em si* e das suas desordens sociais e ao significado das ciências. Era bem o tema de toda a vida de Teilhard que estava assim na ordem do dia. Em 1936, tinha ele já escrito à Congregação «Propaganda fide», em Roma: *O mundo não se converterá à esperança celeste sem antes o cristianismo se converter às esperanças da Terra (para a divinizar).*”⁴

“Logo que o Concílio se reuniu, Lubac pôde rapidamente constatar que a obra do seu amigo era largamente conhecida em todo o mundo⁵. [...] Na aula conciliar, o caso Teilhard foi repetidamente evocado. De cada vez, Lubac esforçava-se por reencontrar o orador e lhe fornecer informações ou explicações com o objectivo de o levar a reconsiderar o seu julgamento sobre o homem e a sua obra. Estas menções públicas a Teilhard tiveram sobretudo lugar durante a discussão do esquema XIII, futura constituição *Gaudium et Spes*. [...] Henri de Lubac escreveria mais tarde por diversas vezes que, se os redactores da constituição *GetS* tivessem conhecido melhor o pensamento de Teilhard, o texto conciliar teria ganho em solidez.”⁶

³ Eminent teólogo francês, falecido aos 91 anos, oito anos depois de ter sido feito cardeal por João Paulo II.

⁴ Do artigo «Pierre Teilhard de Chardin, Henri de Lubac et le Concile Vatican II», Dr. Mathias Trennert-Helwig, in *Teilhard Aujourd'hui* (da associação francesa Teilhard de Chardin), nº 45, março 2013.

⁵ Recordemos que se estava em 1962, Teilhard tinha morrido em 1955 e que, a partir de então, toda a sua obra espiritual foi editada, em breve completando os 13 volumes das «Obras Completas», imediatamente traduzidos em inúmeros países.

⁶ Da intervenção «Teilhard de Chardin et Henri de Lubac au deuxième concile Vatican», de Mons. Éric de Moulins-Beaufort, bispo auxiliar da Diocese de Paris, no Colóquio na Universidade Gregoriana, Roma, 9 e 10 de novembro de 2012.

Ainda no mesmo supracitado colóquio de Roma, em 2012, David Grumett⁷ centrou a sua intervenção na apreciação da constituição do CVII *Lumen Gentium* (sobre a Igreja, cuja frase de abertura é «A Luz dos povos é Cristo»), fazendo, nas diversas vertentes políticas, económicas e sociais, a sua aproximação ao pensamento de Teilhard de Chardin. Como uma das mais marcantes poderá destacar-se a seguinte contraposição da *Lumen Gentium* e de *O Meio Divino* (obra de Teilhard de Chardin): *LG -31* « Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e actividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade»; *MD – (Divinização das Actividades)* « Deus, no que tem de mais vivo e de mais encarnado, não está longe de nós, fora da esfera tangível, mas espera-nos a cada instante na acção, na obra da ocasião. Ele está, de algum modo, na ponta da minha caneta, da minha picareta, do meu pincel, da minha agulha, - do meu coração, do meu pensamento. É em levar até à sua última perfeição natural o traço, a pancada, o ponto, em que estou ocupado, que eu atingirei o Fim último para que tende o meu querer profundo. [...] Ele super-anima: logo, introduz na nossa vida espiritual um princípio superior de unidade cujo efeito específico é, conforme o ponto de vista que se adopte, santificar o esforço humano, ou humanizar a vida cristã.»

Para finalizar estas considerações, e à guisa de desafio para quem quer visitar o Concílio Vaticano II para, daí, retirar e renovar as perspectivas dum cristianismo a pôr em prática nos dias de hoje, retenhamos mais este excerto da comunicação de Mons. Moulins-Beaufort⁸: “Se a *Lumen Gentium* se propõe apresentar a Igreja como sacramento «da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano», é que a humanidade constrói a sua unidade, nomeadamente graças aos desenvolvimentos técnicos, de maneira tão impressionante e eficaz que corre o risco de se contentar com isso e de se condenar finalmente a sufocar, fechada nos seus próprios projectos. Teilhard abriu-nos o caminho e ajuda-nos a estar atentos a determinados pontos dos documentos conciliares, decisivos mas muitas vezes despercebidos porque o olho se deixa cegar por aparências fáceis. O Concílio não é mais optimista que foi Teilhard de Chardin ou, então, é-o como ele: consciente de que o Mundo se constrói e consciente da incrível opção perante a qual se encontra. Digamos mais ainda: **Teilhard ajuda a compreender o que ensina o Concílio**, com uma segurança tranquila, que a humanidade forma um todo, ligado por uma história única em que o destino de todos e o de cada um estão em dependência recíproca; que não há de que se admirar que a história faça experimentar a força de recusa do homem, à medida que a humanidade parece atingir a forma que Deus quer para ela; enfim, que o Cristo é vencedor, o mestre da história, o alfa e o ómega, infinitamente mais activo do que muitos se aperceberão, na segurança da vitória adquirida pela morte e ressurreição.”

«*Tout progrès dans l'Église se fait par une recherche priante et commune.*» (T. Chardin)

AAPTCP, abril 2018

⁷ “Chancellor’s Fellow” em moral cristã e em teologia prática, na Universidade de Edimburgo.

⁸ Ver nota nº 6